 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 040. Fronteiras, saúde, gênero e sexualidade: conexões, deslocamentos e alteridades corporais, espaciais, temporais

Guilherme Rodrigues Passamani (UFMS) - Coordenador/a, José Miguel Nieto Olivar (Faculdade de Saúde Pública USP) - Coordenador/a

O GT visa aglutinar pesquisas que reflitam sobre fronteira, sa?de, g?nero e sexualidade a partir de contextos espaciais, temporais ou corporais imaginados como marginais, fronteiri?os ou minorit?rios, ou que remetam a problematiza?es, conex?es laterais ou transforma?es acerca de centros ou arranjos majorit?rios. Nesse marco relacional, interessa pensar as experi?ncias de sujeitos e grupos sociais a partir da intersec??o com outras categorias de diferencia??o: etnia, regi?o/proced?ncia, gera??o, classe, escolariza??o, orienta??o sexual, religi?o, ra?a/cor. Estamos atentos, tamb?m, a quest?es como tr?nsitos, deslocamentos, circula??o, fluxos migrat?rios e processos de (des/re)territorializa??o e fronteiriza??o, relacionados com agenciamentos de sa?de, de g?nero e sexualidade. Al?m de pesquisas sobre "mobilidades", s?o bem-vindas pesquisas que abarquem a constru??o social do desejo, do cuidado, do adoecimento e do g?nero em ?outros geogr?ficos?, ?entre-cidades?, "zonas? e contextos rurais, priorizando aqueles lugares que est?o atravessados pela sua nomea??o como fronteiras, margens ou periferias. O GT tem o intuito de melhor compreender as multiplicidades de formas e sentidos da sa?de (processos de adoecimento, cuidado e morte), do g?nero e da sexualidade, em articula??o com processos territoriais "menores".

"Tem babado novo no Insta": Um olhar sobre o circuito Drag de Santa Maria, sul do Brasil.

Autoria: Rafaela Oliveira Borges

Ainda persistem no que concerne às questões em torno do corpo, gênero e sexualidade, perspectivas que consideram a identidade de gênero marcada pela identidade sexual. São perspectivas essencialistas que pensam sexo, gênero e a sexualidade em uma sequência lógica, imutável e dada como natural. Em sentido contrário, argumento em pesquisa de mestrado, que esta relação limita o entendimento sobre as diversas formas de viver as corporalidades, os gêneros e as sexualidades. Além disso, promove o apagamento de sujeitos que contrariam a ordem heteronormativa. Logo, as/os artistas Drag Queens constituem o tema de estudo desta pesquisa. Busco compreender as experiências de Drag Queens na cena Drag de Santa Maria - RS. A experenciação Drag e a cena que constituem são pensadas em um contexto on/off-line; perpassando a investigação pela cena Drag da cidade e pelos usos que são feitos das mídias digitais - Facebook, Instagram e Youtub - pelo grupo pesquisado, como uma continuação online do contexto off-line de experimentação da cena Drag. Para isso, atualmente, desenvolvo o empreendimento etnográfico. Ressalto que através de perspectivas da antropologia urbana e digital venho mapeando a cena Drag abarcando esferas da vida pública desses/as artistas, suas práticas e como interagem com os espaços urbanos e as mídias digitais na constituição de um circuito Drag. Destaco a problemática atual, no qual há uma grande escassez de locais para "performar" na cidade, sendo que as Drags locais tem empreendido em demonstrar suas performances nas mídias digitais e ampliam o circuito Drag local para cidades vizinhas, trabalhando como DJ's e ?performers?. Assim, evidencio a característica da cena Drag local, em que há muitas Drags, porém angariando espaço para a arte Drag. Ainda, a produção de um corpo Drag ? "transformation", termo nativo para o ato de montar-se Drag ? corrobora em reflexão sobre corpo e gênero. Assim, através de perspectivas pós-estruturalistas, dos estudos queer, de gênero e sexualidade e da antropologia do corpo, busco refletir sobre o deslocamento da ordem heteronormativa através da fabricação de um corpo Drag, salientando o caráter construído das dimensões de gênero e sexualidade através de instâncias socioculturais. Ademais, o corpo é pensado enquanto base de existência da cultura, tornando-se a experiência sociocultural, o corpo no

 ISBN: 978-85-87942-61-6

mundo, como corporificada. Ademais, enfoco que as pesquisas que tomam como tema a experiência Drag, partem de grandes centros urbanos. Nesse sentido, saliento a escassez de estudos sobre experiências Drag e transgênero em cidades interioranas e de médio porte, como Santa Maria e região. Com efeito, relaciono a experiência Drag Queen, refletindo sobre corpo e gênero, ao espaço urbano da cidade em um contexto on-offline.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**